

ÕAPARECERÕ E ÕSURGIRÕ Ó PROCESSOS MATERIAIS OU EXISTENCIAIS?

Lauro Rafael Lima¹

RESUMO: Este artigo é parte do trabalho de análise dos processos existenciais do sistema de transitividade da gramática sistêmico-funcional, realizado na dissertação *Processos Existenciais em Reportagens de Capa da Revista Superinteressante*. Para este trabalho foram selecionadas as análises dos verbos ãaparecerõ e ãsurgirõ por terem esses a possibilidade de funcionarem ora como processos materiais, ora como processos existenciais. A linguística sistêmico-funcional entende a linguagem como um sistema, em que processos são identificados a partir do sentido que atribuem aos contextos em que são empregados. Para isso, apresentamos, primeiramente, a revisão da literatura com os conceitos utilizados na abordagem sistêmico-funcional (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004; MARTIN, MATTHIESSEN & PAINTER, 2010); após, a metodologia utilizada e, por fim, os dados obtidos a partir da análise das ocorrências desses verbos em dezesseis reportagens de capa da *Revista Superinteressante*.

Palavras-chave: Gramática Sistêmico-Funcional; Sistema de Transitividade; Processos Existenciais.

ÕAparecerõ e ãsurgirõ ó material or existential processes?

ABSTRACT: This paper is part of the work of analysis of the existential processes of the transitivity system of the systemic-functional grammar, realised on the dissertation *Existential Processes in Cover Reports of the Superinteressante Magazine*. For this paper, were selected the analysis of the verbs ãto appearõ and ãto ariseõ, because they have the possibility of work as material processes or as existential processes. The systemic-functional linguistic understands the language as a system, in which processes are identified because of the sense that they attribute to the contexts in which they are applied. For that, we present, first, the literature revision with the concepts utilized in the systemic-functional approach (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004; MARTIN, MATTHIESSEN & PAINTER, 2010); after, the methodology used and, lastly, the data obtained with the analysis of the occurs of theses verbs in sixteen cover reports from the *Superinteressante Magazine*.

Keywords: Systemic-Functional Grammar; Transitivity System; Existential Processes.

¹ Mestre em Letras-UFSM- RS- Brasil. lauroportugues@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma análise das ocorrências dos processos *aparecer* e *surgir* em um *corpus* de dezesseis reportagens de capa da Revista Superinteressante. O objetivo é analisar a possibilidade de tais verbos ocorrerem tanto como processos materiais quanto como processos existenciais, dependendo do contexto em que são empregados.

A LINGUAGEM E O SISTEMA DE TRANSITIVIDADE

Primeiramente, apresentamos as categorias utilizadas para o estudo realizado, contemplando a noção de linguagem bem como o conceito das metafunções. Centramo-nos primeiramente no conceito de linguagem, conforme a perspectiva sistêmico-funcional, para posteriormente fazermos referência às três metafunções da linguagem, aprofundando a que será mais utilizada aqui, a metafunção ideacional. A partir disso, destacamos, dentro da metafunção ideacional, os processos existenciais, e apresentamos exemplos em língua portuguesa.

A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) entende a linguagem como um sistema, motivo pelo qual esta pode ser estratificada e categorizada. Para Halliday & Matthiessen (2004), a linguagem é um sistema semiótico complexo, que apresenta vários níveis, ou estratos (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004). Sendo assim, os estudos sistêmico-funcionais também abordam a linguagem de acordo com diferentes níveis ou estratificações: no plano da expressão, a linguagem apresenta as categorias da fonética e da fonologia (o sistema sonoro); no plano do conteúdo, estão a léxico-gramática e a semântica; no plano do contexto, encontram-se as três variáveis (campo, relações e modo), importantes nas escolhas do falante. Portanto, é essencial que partamos da noção de linguagem como sistema e da participação do contexto como um influente determinante para a apresentação da pesquisa realizada para esta dissertação. Além disso, podemos destacar o conceito que Martin, Matthiessen & Painter (2010) apresentam, respondendo à pergunta *“O que é gramática funcional?”*:

A gramática funcional é uma teoria de gramática. É um recurso para um envolvimento com a gramática de qualquer língua; é um meio de olhar para a gramática de uma língua em termos de como ela é utilizada. Ela interpreta a gramática de uma língua como um sistema ó como um sistema que permite as pessoas interagirem uma com a outra e fazerem sentido da sua experiência de mundo. Ela explora a gramática como sendo moldada, ao mesmo tempo em que desempenha um papel significante nesse molde, pela maneira que levamos nossas vidas. (MARTIN, MATTHIESSEN & PAINTER, 2010, p. 1).²

Notamos, a partir dessas informações, que as categorias que são aqui analisadas tratam da linguagem como sistema e da linguagem em uso. Uma observação pertinente para o nosso trabalho é o fato de que, segundo Martin, Matthiessen & Painter (2010), a gramática sistêmico-funcional pode ser aplicada a qualquer língua existente. Em virtude disso, tentamos, neste trabalho, transpor para a língua portuguesa categorias dadas prioritariamente para a língua inglesa.

Martin, Matthiessen & Painter (2010) entendem que estudar a linguagem sob uma perspectiva sistêmico-funcional é focar a análise sobre a oração em vez de sobre a sentença. Para fazer isso, eles afirmam que existem três maneiras. Ao explicar que as três maneiras são ideacional, interpessoal e textual, percebemos que é feita uma clara referência às metafunções. Portanto, concluímos que as metafunções representam, em um primeiro momento, as maneiras com as quais se pode observar a linguagem sob uma perspectiva sistêmico-funcional.

No prefácio de *An Introduction to Functional Grammar* (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004), os autores afirmam que a metafunção é um dos conceitos que compõem o que pode ser chamado de arquitetura da linguagem. Sendo assim, para fins didáticos, torna-se essencial separarmos as metafunções ideacional, interpessoal e textual, aprofundando posteriormente a de nosso maior interesse, a metafunção ideacional.

² Todos os trechos citados nesta dissertação que estão originalmente escritos em língua inglesa (como, por exemplo, excertos de Halliday & Matthiessen, 2004; Martin, Matthiessen & Painter, 2010, e outros) foram traduzidos livremente por nós, motivo pelo qual assumimos a responsabilidade da transcrição do inglês para o português.

Segundo os autores, a linguagem funciona como uma teoria da experiência humana, afinal não há nada na experiência humana que não possa ser transformado em sentido, o que é chamado de *metafunção ideacional*, dividida em dois segmentos: o experiencial e o lógico. Paralelamente a isso, destacamos que sempre que a linguagem é utilizada, alguma coisa está acontecendo.

Uma oração não é somente um processo com participantes e circunstâncias, ela é também interação. É a partir da linguagem que os seres humanos podem interagir trocando informações, bens e serviços. Essa característica é chamada de *metafunção interpessoal*, o que sugere sua interatividade e pessoalidade.

O terceiro componente da linguagem refere-se ao modo como ela constrói os textos, isto é, como as sequências são organizadas no discurso, estabelecendo coesão e continuidade. Esse componente é o que os autores denominam *metafunção textual*.

Halliday & Matthiessen (2004) alertam ainda para o porquê de classificar esses três componentes como *metafunções*, e não simplesmente *funções*. Afinal, existe uma clássica tradição de se referir à noção de *função* como simplesmente *objetivo* ou *meio* de uso da linguagem. Assim, eles destacam o fato de que a análise sistemática demonstra que a funcionalidade é intrínseca à linguagem. Então, o termo *metafunção* foi adotado para sugerir que a função é um componente integral dentro da teoria como um todo. (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004, p. 31).

Dentro da *metafunção ideacional*, temos o sistema de transitividade. Cada um dos processos que podem ser realizados dentro desse sistema apresenta diferentes tipos de participantes, que são nomeados de acordo com sua função no processo. Podem ainda fazer parte do sistema de transitividade as circunstâncias, que indicam significados acessórios de tempo, lugar, modo e causa, dentre outros. Existem seis tipos de processos categorizados e cada um desses processos envolve diferentes tipos de participantes. A seguir, fazemos um breve resumo da função dos processos materiais e existenciais, objeto de estudo deste trabalho.

PROCESSOS EXISTENCIAIS

Segundo Halliday & Matthiessen (2004), os processos existenciais representam que algo existe ou acontece. Os autores destacam que não são muito comuns no discurso e que somente cerca de 3 ou 4 por cento dos processos em língua inglesa são existenciais. No entanto, eles têm uma importante contribuição para alguns gêneros textuais.

Um grupo (processos neutros) é uma pequena quantidade de verbos proximamente relacionados ao sentido de existir ou acontecer: existir, permanecer, surgir, ocorrer, vir à tona. O outro grupo (processos circunstanciais) envolve alguma característica circunstancial: de tempo (...) ou lugar (...). Porém um número considerável de outros verbos pode ser usado na série de orações existenciais abstratas (...). (HALLIDAY, 1994, p. 142)

Os exemplos apresentados pelo autor são muito diferentes dos que ocorrem em português, já que se realizam, em inglês, com as formas de *there + to be*, creditando uma classificação específica para o item *there*.

Quanto aos participantes, a oração em que ocorre um processo existencial apresenta apenas um, o Existente. Em princípio, pode existir qualquer tipo de fenômeno que pode ser construído como coisa: pessoa, objeto, instituição ou abstração (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004). Ressaltamos nesse ponto que essa é uma das diferenças dos processos existenciais em relação aos outros dois processos que estabelecem limites com ele (materiais e relacionais, conforme Figura 4): ambos os processos podem possuir um participante secundário, além do(s) principal(is), enquanto os processos existenciais possuem sempre apenas o Existente, o que fica claro no Quadro 1:

Tipos de oração	Significado da categoria	Exemplos de processos	Participantes
Material Transformativa Criativa	fazer acontecer	<i>fazer, beber, praticar, aparecer, pagar, exercer, ocorrer</i>	Ator Meta Escopo Beneficiário (Cliente e Recebedor)

Relacional Intensiva Possessiva Circunstancial	caracterizar identificar	<i>ser, ter, estar</i>	Portador Atributo Identificado Identificador
Existencial	existir	<i>haver, existir</i>	Existente

Quadro 1 ó Tipos de processos, seus significados e participantes característicos (Fonte: adaptado de Cabral, Fuzer & Olioni, 2011, p. 190).

Quanto ao sentido, os autores destacam a proximidade com os processos materiais-criativos. Segundo eles, existe uma pequena diferença entre ambos, como nos exemplos õhá um rouboö (existencial) e õum roubo aconteçeö (material-criativo). Assim, observam no último exemplo que o tempo presente sugere que õo roubo está acontecendoö. Pelo que percebemos, o primeiro exemplo sugere uma clara relação existencial, colocando õo rouboö como algo que existiu no mundo em um passado recente ou não ó sendo, portanto, identificado como existencial ó, enquanto o segundo exemplo sugere o processo de criação desse õrouboö, ou seja, um processo material do tipo criativo. Halliday & Matthiessen (2004) não citam outros exemplos e encerram a discussão sobre o assunto nesse ponto.

Como exemplo de trabalhos em língua portuguesa que apresentem a discussão sobre os processos existenciais, temos, primeiramente, o texto de Lima Lopes & Ventura (2008), que ratifica o que já foi apresentado sobre os processos existenciais. Segundo eles, o

último tipo de processo é o existencial, que se encontra entre os processos relacionais e os materiais. Proposições existenciais são realizadas tipicamente pelos processos haver, existir e ter (em português brasileiro), sendo que outros processos, como emergir, surgir e ocorrer podem ser considerados existenciais em alguns contextos. Nesse processo, há apenas um tipo de participante, o Existente. (LOPES & VENTURA, 2008, p. 13)

É pertinente a observação de que Lopes e Ventura (2008) consideram a presença de verbos como *õemergirö* e *õsurgirö* com possibilidade de atuarem como processos existenciais. Nos exemplos 1 e 2, notamos a presença do verbo *õsurgirö* funcionando como processo existencial. O verbo *õemergirö*, por outro lado, não apresenta ocorrências em nosso *corpus*.

1	logo depois	surgiu	um vírus bem pior: o H1N1
	Circunstância	processo existencial	Existente

(Donos do mundo, 08/2009)

2	também	surgiram	versões do Antigo Testamento	no idioma aramaico
	Circunstância	proc. existencial	Existente	Circunstância

(Quem escreveu a Bíblia?, 12/2008)

Em outro texto, Souza e Dionísio (2008) limitam-se a resumir os processos existenciais a suas características básicas. Para eles, os autores resumem o processo existencial como sendo ãa representação de algo que existe ou acontece. Têm (os processos existenciais) um único participante, o Existente.ö (SOUZA & DIONISIO, 2008, p. 9)

PROCESSOS MATERIAIS

Os processos materiais, conforme já destacado, caracterizam-se pelas ações de *õfazerö* e *õacontecerö* e possuem os participantes *õAtorö* (obrigatório), *õMetaö*, *õBeneficiárioö* (podendo ser este um Cliente ou Receptor) e, ainda, o *õEscopoö*, uma entidade que existe de forma independente no processo.

Aprofundando os conceitos utilizados para definir os processos materiais, Halliday & Matthiessen (2004) destacam que esses processos podem ser intransitivos ó quando denotarem um acontecimento (*a happening*) ó ou transitivos ó quando denotarem uma ação (*a doing*). Assim, o processo material intransitivo ocorre quando houver apenas o participante obrigatório, isto é, o Ator. Já o processo material transitivo possui, além do Ator, pelo menos uma Meta.

Assim, concluímos que os processos materiais-criativos e os processos materiais-transformativos podem tanto ser intransitivos quanto transitivos. Consideramos que o processo material-criativo é intransitivo quando algo acontece com o Ator, e que ele é transitivo quando o Ator faz alguma coisa, isto é, cria outro participante. Da mesma forma, consideramos que o processo material-transformativo é intransitivo quando algo acontece com o Ator ou o Ator pratica uma ação intransitiva, e que ele é transitivo quando acontece alguma coisa com a Meta ou quando o Ator pratica uma ação com a Meta.

Para ilustrar o que foi dito até aqui, apresentamos exemplos do *corpus* de pesquisa deste trabalho, um para cada uma das situações apresentadas no quadro. Sendo assim, os exemplos 3 e 4 representam processos materiais-criativos (intransitivos e transitivos, respectivamente).

3	Ali	se formaram	algumas das primeiras civilizações da história
	Circunstância	processo material-criativo	Ator

(Deus ó uma biografia, 11/2010)

4	(nós)	vamos fazer	uma escala
	Ator	processo material-criativo	Meta

(A verdade sobre Che, 01/2009)

Diante disso, os exemplos 5 e 6 apresentam verbos servindo como processos materiais-transformativos e, à semelhança do modo como foram apresentados os processos materiais-criativos, também são, respectivamente, intransitivos e transitivos.

5	o grupo	saiu	da floresta
	Ator	processo material-transformativo	Circunstância

(A nova 2ª Guerra Mundial, 09/2009)

6	as galinhas	bebiam	água contaminada pelas fezes
	Ator	processo material-transformativo	Meta

(Donos do mundo, 08/2009)

Destacamos desde já a similaridade dos processos existenciais (processos de *existir* e *acontecer*) com os processos materiais intransitivos, tanto criativos quanto transformativos. Afinal, os três processos (existenciais, materiais-criativos e materiais-transformativos) podem ser entendidos como algo que *acontece*.

Percebemos, portanto, que os processos *existenciais* (objeto de estudo deste trabalho) ora se aproximam em sentido dos processos materiais, ora dos processos *relacionais*. A relação dos processos e de suas fronteiras pode ser identificada de acordo com a Figura 1.



Figura 1 ó Tipos de Processos (Fonte: adaptado de Halliday & Matthiessen, 2004, p. 172).

A partir disso, introduzimos mais uma noção essencial para o desenvolvimento da nossa análise: a agentividade.

AGENTIVIDADE

Os estudos em gramática sistêmico-funcional (MATTHIESSEN, 1995; HALLIDAY E MATTHIESSEN, 2004) introduzem um conceito importante para a compreensão do papel dos participantes nas orações. Para os autores, há dois modelos através dos quais as orações são construídas: a transitividade e a ergatividade. Enquanto o primeiro é um caso de extensão, o segundo configura-se como um caso de aprofundamento da oração. Se vista sob o ângulo da transitividade, a oração pode ser transitiva ou intransitiva; se analisada sob o ponto da ergatividade, aflora a questão de Agência.

Assim, de acordo com o modelo ergativo, existem duas noções importantes para a análise: o Meio e o Agente. O Meio representa o participante pelo qual o processo é realizado; o Agente é o causador externo do processo. Sendo assim,

a diferença entre *õfazerö* e *õacontecerö* deriva de um princípio diferente do transitivo de extensão e impacto: *õacontecerö* significa que a realização do processo é representada como sendo gerada por si própria, enquanto *õacontecerö* significa que a realização do processo é representada como sendo causada por um participante que é externo à combinação Processo + Meio. (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004, p. 284)

Nosso trabalho não tem por objetivo analisar a ergatividade de *per si*, embora o conceito de agentividade seja de grande importância para nossa investigação. Afinal, percebemos que nos processos existenciais o Existente está diretamente relacionado ao meio, já que não representa o Agente do processo.

Matthiessen (1995) ainda considera a categoria de Efetivo, que representa a combinação sendo causada por este agente externo. Com isso, destacamos que, segundo o autor, as orações efetivas constroem uma combinação que possui uma causa externa, o Agente (por exemplo, *õHenrique abriu a portaö*, em que *õHenriqueö* é o Agente), enquanto as orações mediais não a possuem (por exemplo, *õA porta abriuö*).

Essa relação de o participante obrigatório do processo não ser o Agente da ação nos processos existenciais, mas o ser em outros processos, permite-nos aproximar os processos existenciais dos processos materiais. A partir dessa aproximação, introduziremos a metodologia da análise.

METODOLOGIA

Para realizar a análise, primeiramente, listamos todas as ocorrências dos verbos *ãaparecerõ* e *õsurgirõ* no *corpus* de dezesseis reportagens de capa da Revista Superinteressante, com o auxílio do *Wordsmith Tools 5.0* (SCOTT, 2008).

No total, foram encontradas 34 ocorrências do verbo *ãaparecerõ* e 27 ocorrências do verbo *õsurgirõ*. A partir disso, realizamos a análise de cada uma das ocorrências, para sintetizar o número de ocorrências de cada um dos verbos como processo material ou como processo existencial. Por último, elaboramos a análise e promovemos a discussão dos resultados com base no entendimento da linguagem como um sistema. Com isso, o Quadro 2 sistematiza os resultados obtidos para cada um dos verbos. Percebemos que a maioria das ocorrências é de processo existencial, embora tenham sido encontradas ocorrências como processo existencial para ambos.

VERBO	OCORRÊNCIAS COMO PROCESSO EXISTENCIAL	PORCENTAGEM COMO PROCESSO EXISTENCIAL	OCORRÊNCIAS COMO PROCESSO MATERIAL	PORCENTAGEM COMO PROCESSO MATERIAL
APARECER	24	70,6%	10	29,4%
SURGIR	24	88,9%	03	11,1%

Quadro 2 ó Número e porcentagem de ocorrências dos verbos analisados.

A partir disso, apresentamos algumas análises feitas para cada um dos verbos.

ANÁLISE DO VERBO *ãAPARECERõ*

Em todos os exemplos encontrados no *corpus*, o verbo *ãaparecerõ* apresenta apenas um (1) participante. A partir disso, surgiu a dificuldade em identificarmos esse processo como existencial, com um Existente, ou material intransitivo, com um Ator. Para isso, utilizamos o conceito de agentividade. Consideramos *ãaparecerõ* um processo existencial quando seu único participante, o Existente, não é o Ator da oração, como ilustra o exemplo 7.

75	A vocação de Mozart	não	apareceu	do nada.
	Existente	polaridade negativa	processo existencial	Circunstância

(O segredo do sucesso, 07/2010)

Nesse exemplo, percebemos que o participante ãA vocação de Mozartö apresenta o traço não agentivo, não pode ser considerado o Ator, justamente por não ser o termo que desencadeia a aparição, ou, no caso, em função do termo que designa a polaridade negativa, a não aparição. Podemos entender que existe um termo não especificado na oração que promove o aparecimento da vocação de Mozart. Com essa noção posta, identificamos o participante como Existente do processo existencial, e não como o Ator do processo material.

8	em intervalos mais longos	aparecem	algumas realmente violentas
	Circunstância	processo existencial	Existente

(H#6. A nova história do Brasil, 06/2010)

No exemplo 8, é necessário que tenhamos o contexto: ãalgumasö se refere a tipos de gripes que são mais violentas. Diante disso, interpretamos que ãalgumas realmente violentasö é um participante trazido à existência pelo processo existencial ãaparecemö.

Por outro lado, consideramos processos materiais os verbos das orações em que o Agente é o quem desencadeia o processo. Percebemos essa noção no exemplo 9.

9	O médium	também	aparecia	sob os olhos do país
	Ator	Circunstância	processo material	Circunstância

(Uma investigação: Chico Xavier, 04/2010)

Neste exemplo, percebemos a diferença de sentido para o participante ãO médiumö em relação ao processo ãapareciaö se comparado aos exemplos anteriores. Aqui, não há um Existente, porque ãO médiumö não é trazido à existência pelo processo, mas, sim, há um Ator, que desempenha o papel de ãaparecerö perante os olhos do país. Por isso, e pelo fato de

o O médium o ser o Ator de oapareciao, o Agente que faz o processo acontecer, classificamos o processo como material, não como existencial. A mesma relação é percebida no exemplo 10.

10	Jesus	apareceria	para os apóstolos
	Ator	processo material	Cliente

(H#8. Os anos ocultos de Jesus, 06/2011)

Mais uma vez, entendemos que o participante oJesuso não tem a sua existência identificada pelo processo oapareceriao o logo, não é o Existente o, mas, sim, que ele desempenha o papel de oaparecero, praticando diretamente essa ação. Assim, concluímos que, para ser identificado como processo existencial, o verbo oaparecero precisa denotar a noção de que um participante vem à existência, o que não ocorre com os dois últimos exemplos mostrados.

ANÁLISE DO VERBO oSURGIRo

O verbo ourgiro apresentou uma das análises mais próximas na diferença entre as ocorrências como processo existencial e processo material. Afinal, em todas as ocorrências, ele apresenta apenas um (1) participante, o que não permite que afirmemos que ele seja um processo material transitivo o com dois (2) participantes. Assim, concluímos que, no *corpus*, sempre que o verbo ourgiro ocorre como processo material, esse processo é intransitivo o com apenas um (1) participante. É essa conclusão que aproxima as ocorrências desse verbo como processo material das ocorrências como processo existencial, o qual também apresenta apenas um (1) participante.

Destacamos que, à exceção do verbo ohavero, a principal característica do processo existencial é possuir um Existente que funciona sempre como Meio, às vezes como Tema, mas nunca como Ator da oração. A diferença reside justamente no último caso: quando o verbo ourgiro assume a condição de processo material, o Ator desempenha também o papel de Agente. Podemos visualizar o verbo ourgiro servindo como processo existencial nos exemplos 11 e 12.

11	A verdadeira polêmica	surgiria	no outro filão do médium
	Existente	processo existencial	Circunstância

(Uma investigação: Chico Xavier, 04/2010)

No exemplo 11, temos a verdadeira polêmica como participante que é trazido à existência pelo processo surgiria. Percebemos que o Existente corresponde ao Meio, ao Tema, mas não corresponde ao Ator da oração, pois entendemos Ator como o termo que promove, que desencadeia o processo. Assim, nesse exemplo, não há a verdadeira polêmica que promove o seu próprio surgimento, mas, sim, algum termo que não se faz presente na oração. Por esse motivo, identificamos o processo surgiria como existencial, e não como material intransitivo.

12	Em pouco tempo	surgem	micro-organismos mutantes.
	Circunstância	processo existencial	Existente

(Donos do mundo, 08/2009)

Nesse exemplo, temos situação semelhante à do exemplo anterior: os micro-organismos mutantes não são responsáveis diretos pelo seu próprio surgimento, não desencadeiam esse processo. Sendo assim, identificamos esse participante (o Existente) como Meio do processo, mas não como Ator. Destacamos ainda que, nesse caso, diferentemente do exemplo anterior, ele também não é Tema do processo. Além disso, o verbo surgir, quando identificado como processo existencial, denota o aparecimento de uma entidade, isto é, o fato de que ela não existia sob determinada circunstância e, após o processo, passa a existir.

Em três exemplos, tivemos a ocorrência do processo surgir como material intransitivo. Analisamos essa possibilidade pelo fato de que, nos exemplos, o processo aparece identificando um participante que corresponde, ao mesmo tempo, ao Ator, ponto de partida da mensagem, e ao Agente da oração. Com isso, principalmente pelo fato apresentar o traço agentivo, consideramo-lo o Ator de um processo material (o qual é intransitivo) como ilustra o exemplo 13.

13	Os espíritos	surgiam	por detrás do pano.
	Ator	processo material	Circunstância

(H#5. Uma investigação: Chico Xavier, 04/2010)

Nesse exemplo, o participante "Os espíritos" não pode ser identificado como "Existente" do processo, justamente porque não é trazido à existência pelo processo. Pressupõe-se que "Os espíritos" já tinham uma existência pré-determinada, e eles apenas "surgiam" em um determinado local "por detrás do pano", em um determinado momento (não especificado). Assim, entendemos "Os espíritos" como um Ator que corresponde não só ao Tema, mas também ao Agente, por ser responsável direto em desencadear o seu próprio surgimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CABRAL S. R. S; FUZER, C; OLIONI, R. C. *A seleção brasileira de futebol a serviço da cerveja: análise multifuncional de texto na perspectiva da gramática sistêmico-funcional*. Revista Calidoscópio, Vol. 9, n. 3, 2011.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. 2. ed. London: ROUTLEDGE, 1994.

HALLIDAY, M. A. K; MATTHIESSEN C. M. I. M. *An introduction to functional grammar*. 3. ed. London: HODDER EDUCATION, 2004.

LIMA-LOPES, R. E; VENTURA, C. S. M. *A transitividade em português*. In: Direct Papers 55. Pontifícia Universidade Católica: São Paulo. 2008.

MARTIN, J. R; MATTHIESSEN, C. M. I. M.; PAINTER, C. *Deploying Functional Grammar*. Beijing: THE COMERCIAL PRESS, 2010.

MATTHIESSEN, C. M. I. M. *Lexicogrammatical cartography: English systems*. Sidney: Macquarie University. 1995.

SCOTT, M. *WordSmith Tools 5.0*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

SOUZA, M. M.; DIONÍSIO, A. P. 2008. *Transitividade, editorial e opinião: uma análise sistêmico-funcional*. Disponível em:

http://www.cchla.ufrn.br/odisseia/numero1/arquivos/LIN01_PT06.pdf. Acesso em: 23/10/2011.

SUPERINTERESSANTE, Revista. *Acervo de reportagens*. São Paulo, 2010. Disponível em <<http://super.abril.com.br>>. Acesso em dezembro de 2010.

Recebido em 28 de outubro de 2013.

Aceito em 2 de fevereiro de 2014.